

O nome Fátima Rolo Duarte pode não nos ser familiar, mas o seu trabalho é conhecido e, provavelmente, está presente na maioria das casas portuguesas. Nasceu em Lisboa, em 1958, no seio de uma família de jornalistas. A mãe, Maria João, foi a primeira mulher jornalista de desporto em Portugal e o pai, António, foi dramaturgo e colaborou com diversas publicações como jornalista e humorista. Fátima Rolo Duarte cresceu num mundo de letras, onde abundavam conversas sobre cultura e política. Possuindo uma grande energia criativa e imaginativa, procurou a educação artística na Escola António Arroio, onde aprendeu artes gráficas e desenvolveu competências em produção gráfica. Passou, também, pelas Belas Artes de Lisboa, numa estadia que teve de ser encurtada devido à necessidade de ingressar no mundo profissional. Em 1983, com 25 anos, começou a trabalhar como designer na editora musical Emi-Valentim de Carvalho.

Na qualidade de designer interna, foi responsável por centenas de capas de discos de diferentes músicos. Muitas das capas que desenhou são parte integrante das nossas fonotecas, das nossas coleções de discos, e paradigmáticas do panorama musical português. Fátima Rolo Duarte contribuiu para a identidade visual de artistas que fazem parte do nosso imaginário musical. É o caso de *Psicopátria*, dos GNR, *Regresso*, de Marco Paulo, *Um Destes Dias*, dos Trovante, *Mundo de Aventuras*, dos Ban, *Vou-me Embora*, de Vitorino ou *O Melhor de Amália*, de Amália Rodrigues.

Dada a variedade dos estilos musicais e dos autores que lhe passavam pelas mãos, Fátima Rolo Duarte decidiu que cada capa deveria ser abordada de forma diferente. Assim, como ela própria diz, “de Marco Paulo, passando pelo Vitorino, Amália, GNR e Toy aprendi (?) a adaptar-me às circunstâncias”. Esta postura não segue as linhas autorais que a história do design tende a procurar no trabalho de um designer. Como designer interna, Fátima Rolo Duarte

navegou por águas turbulentas, procurando conciliar as necessidades e desejos da editora e dos músicos com a sua própria sensibilidade. Além disso, a identidade não é sua, mas da casa, veículo de edição de um músico, esse sim, com uma identidade definida e respeitada. “Parecia-me sempre curioso que raramente se referisse o trabalho gráfico nas críticas musicais e outras. Havia (ainda há?) uma notável ignorância gráfica, mesmo dentro do meio”. Terá sido por isso que esta designer, autora de capas tão emblemáticas, não tem nome na praça? Não sabemos, o certo é que o esforço camaleónico exigido por este trabalho, junto com a falta de reconhecimento pelos pares e pela indústria musical, fez com que Fátima Rolo Duarte, após uma década de trabalho na Emi-Valentim de Carvalho, deixasse este posto e rumasse a outras aventuras.

Outros projetos surgiram, incluindo vários projetos editoriais. Em 1993, começou a desenvolver a identidade da Lisboa Capital da Cultura e, em 1994, foi responsável pela mudança do grafismo do *Se7e*, quando o jornal passou a formato de revista.

Mais tarde, Fátima Rolo Duarte voltou-se para a escrita e, em 1997, sob o pseudónimo de Camila Coelho, começou a escrever uma coluna de opinião para *DNA*, suplemento cultural do jornal *Diário de Notícias*, criado pelo seu irmão Pedro Rolo Duarte, também responsável por semanários como *O Independente*, e revistas como a *K* e a *Visão*. Em paralelo com a escrita, fez também um conjunto de ilustrações, essas sim assinadas como Fátima Rolo Duarte. Voltando, assim, ao mundo das palavras, onde cresceu, encontrou ainda um novo espaço de expressão, combinando com sucesso escrita e criação de imagem, descrito pela própria como uma das experiências mais estimulantes da sua carreira.

*Isabel Duarte, 2021*